

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO AGRICULTURA E AMBIENTE – IEAA
CAMPUS VALE DO RIO MADEIRA - CVRM
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

“NÃO MEXA, NÃO TOQUE NESSE MEU CABELO”: O CABELO COMO
ELEMENTO DE IDENTIDADE

HUMAITÁ-AM
2021

DAIANA SANTOS CORRÊA

“NÃO MEXA, NÃO TOQUE NESSE MEU CABELO”: O CABELO COMO
ELEMENTO DE IDENTIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da UFAM, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Isabel Alonso Alves

HUMAITÁ-AM
2021

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

C825n Corrêa, Daiana Santos
 Não mexa, não toque nesse meu cabelo : o cabelo como
 elemento de identidade / Daiana Santos Corrêa . 2021
 39 f.: 31 cm.

 Orientadora: Maria Isabel Alonso Alves
 TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Pedagogia) -
 Universidade Federal do Amazonas.

 1. Identidade. 2. Estereótipos. 3. Racismo. 4. Negro(a). I. Alves,
 Maria Isabel Alonso. II. Universidade Federal do Amazonas III.
 Título

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por ter me proporcionado chegar até aqui, pois sei que sem ele eu não estaria aqui neste momento apresentando meu trabalho, visto que este momento de agradecimento me faz lembrar os momentos que passei na Universidade, não só os momentos quantas as pessoas que estiveram e estão comigo tanto no começo quanto no fim desta jornada que é a busca por uma formação acadêmica. Todo o conhecimento apreendido tornou-se de grande valia para a minha vida acadêmica e social.

Agradeço a minha família que esteve sempre comigo acreditando em meu potencial, apoiando-me a não desistir e dizendo que o estudo é o melhor caminho para seguir na vida.

Agradeço a minha orientadora Maria Isabel que me ajudou na busca por este tema e que me incentivou a fazer este trabalho.

Aos colegas e amigos que sempre estiverem juntos a mim, dando apoio moral e me ajudando com materiais tecnológicos.

Aos professores que ao longo do curso compartilharam seus conhecimentos, na qual fui aprimorando a cada dia, ensinaram e orientaram, levando assim conhecimentos através de suas aulas, pois o conhecimento é uma das ferramentas mais importantes para o indivíduo.

Dedico este TCC a todos (as) que estiveram comigo até o fim dessa jornada, que sempre me apoiaram e incentivaram a não desistir.

“Muita gente implica com meu pixaim, mas o que implica é que o cabelo é bom, e quando isso me irrita vai ter briga sim porque não aceito discriminação (MAX DE CASTRO; SEU JORGE, 2002).

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso - TCC foi desenvolvido no âmbito do Curso de Pedagogia da UFAM/IEAA, cujo objetivo foi analisar os discursos formativos dos estudantes do Curso de Pedagogia sobre a construção identitária a partir do cabelo em seu aspecto de identidade. As questões aqui pensadas estão relacionadas aos traços físicos e identitários dos sujeitos que se auto identificaram negros na pesquisa, na tentativa de perceber se estes sujeitos em sua vida escolar, social e universitária sofreram de alguma forma algum tipo de racismo e/ou discriminação em função do seu tipo de cabelo sob o viés da colonialidade. Os sujeitos escolhidos para fazerem parte desta pesquisa foram acadêmicos do IEAA do curso de Pedagogia, tanto do sexo masculino, quanto feminino, que aceitaram participar narrando suas identidades. A análise das narrativas de cada discente buscou mostrar aspectos relacionados de como o sujeito negro é visto na sociedade e como este lida com o preconceito em torno de sua identidade. Em relação ao método de pesquisa optou-se na utilização da abordagem qualitativa em educação, com ênfase nas técnicas da entrevista visando as narrativas de cada sujeito, os dados foram captados por áudio via aplicativo WhatsApp, posteriormente transcritos. O referencial teórico destacado na elaboração deste TCC está ancorado nas ideias de Gomes (2002); Hall (1992.); Santana (2014); Anjos (2017); Carvalho (2015) e Coutinho (2011), que nos acompanharam nesta pesquisa e que se articulam ao campo teórico de prefixo pós (pós-crítico, pós-estruturalista, Estudos Culturais, Estudos de Raça, Cultura(s), entre outros). Os resultados apontam para os discursos colonialistas que produzem os sujeitos, inclusive nos espaços escolares, discursos estes carregados de estereótipos e racismo que discriminam, segregam e inferiorizam a identidade negra, seja em seus aspectos físicos (aparência, cabelo, etc.) ou subjetivo (identidade, raça).

Palavras-chave: Identidade. Cabelo. Estereótipos. Racismo. Negro(a).

ABSTRACT

This Course Completion Paper - TCC was developed within the scope of the Pedagogy Course at UFAM/IEAA, whose objective was to analyze the formative discourses of students in the Pedagogy Course on identity construction based on hair in its identity aspect. The questions considered here are related to the physical and identity traits of the subjects who self-identified blacks in the research, in an attempt to understand whether these subjects in their school, social and university life somehow suffered some kind of racism and/or discrimination due to of your hair type under the bias of coloniality. The subjects chosen to be part of this research were academics from the IEAA of the Pedagogy course, both male and female, who agreed to participate by narrating their identities. The analysis of the narratives of each student sought to show related aspects of how the black subject is seen in society and how he/she deals with prejudice around their identity. Regarding the research method, we chose to use a qualitative approach in education, with an emphasis on interview techniques aiming at the narratives of each subject, the data were captured by audio via WhatsApp application, later transcribed. The theoretical framework highlighted in the elaboration of this TCC is anchored in the ideas of Gomes (2002); Hall (1992.); Santana (2014); Angels (2017); Carvalho (2015) and Coutinho (2011), who accompanied us in this research and who articulate with the theoretical field of post prefix (post-critical, post-structuralist, Cultural Studies, Race Studies, Culture(s), among others). The results point to the colonialist discourses produced by the subjects, including in school spaces, discourses that are loaded with stereotypes and racism that discriminate, segregate and undermine black identity, whether in its physical (appearance, hair, etc.) or subjective aspects (identity, race).

Keywords: Identity. Hair. Stereotypes. Racism. Black

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IEAA - Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente

PIBIC – Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

TCC - Trabalho e Conclusão de Curso

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

SUMÁRIO

SEÇÃO 1 - MEMÓRIAS, APROXIMAÇÃO COM O TEMA E PESQUISA: PALAVRAS INTRODUTÓRIAS.....	11
SEÇÃO 2 - O CABELO COMO ELEMENTO DE IDENTIDADE.....	16
SEÇÃO 3 - O CABELO COMO ELEMENTO DE IDENTIDADE: LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	24
3.1. Múltiplas Identidades	26
3.2 O cabelo nas memórias narradas	28
3.4 Sobre discriminação pelo cabelo	32
3.5 O papel social dos espaços formativos escolares na produção social do sujeito.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38

SEÇÃO 1

MEMÓRIAS, APROXIMAÇÃO COM O TEMA E PESQUISA: PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

“Tire suas mãos do meu cabelo, não mecha, não toque nesse meu cabelo, só quero que você fique longe desse meu cabelo” (João Pencas e Seus Miquinhos Amestrados 1982).

Este trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Não mexa, não toque nesse meu cabelo” está relacionado à forma como os sujeitos vão produzindo suas identidades em meio a suas histórias de vida. O cabelo como elemento de identidade do sujeito, traz questões relacionadas ao modo de como o sujeito é visto em meio à sociedade no qual está inserido. Entende-se que a partir do momento em que o sujeito adota um tipo de cabelo diferente, que foge aos padrões de beleza postos pelas grandes mídias, este é visto como estranho, pois, o que é mais aceito é o sujeito seguir o padrão imposto pela sociedade.

Dessa forma, o cabelo crespo acaba sendo conhecido/nomeado socialmente como o cabelo duro, cabelo ruim, de “Bombril”, difícil de ser penteado, “sujo”, dentre outros estereótipos atribuídos, e esse é o imaginário que se tem sobre o cabelo crespo. E o cabelo é visto como identidade, pois é a partir dele que o sujeito negro reconhece suas origens e culturas, dessa forma, o cabelo se torna um símbolo de força, de coragem, que mostra, historicamente, a luta do povo negro em um movimento de reconhecimento racial e étnico. Assim, entendemos que não há cabelo bom ou cabelo ruim, mas tipos de cabelos diferentes.

Uma das perguntas a ser questionada mediante ao preconceito que acaba se tornando constate e que motivou esta pesquisa de TCC é: Porque não aceitar as pessoas com estilo de cabelo diferente do nosso? Entendemos que cada um de nós temos as nossas peculiaridades, sejam estas subjetivas ou físicas, e que podemos sim ter cabelos diferentes, mas isso não nos difere uns dos outros em termos humanos, ser diferente faz parte do ser humano e isso nos tornam únicos em alguns aspectos.

Ninguém tem o direito de apontar o dedo para julgar o próximo, pois quem somos nós para fazer tamanho preconceito com o próximo. Estamos em uma sociedade que nos coloca contra a parede fazendo acreditar que precisamos seguir um padrão de beleza que não é conivente ao nosso perfil, e isso acaba que se tornando uma ferida incurável que vai deixando

marcas na vida do sujeito, dado que são julgamentos feitos sobre o estilo de cabelo usado, que não condiz com o perfil de beleza da sociedade. Nesse caso a música “Esse meu cabelo rock” de João Pencas e seus Miquinhos Amestrados (1982) relata uma argumentação sobre o preconceito existente na sociedade na qual vivemos, pois eles trazem trechos sobre isso quando cantam: “Tire suas mãos desse meu cabelo, não mecha, não toque nesse meu cabelo, só quero que você fique longe desse meu cabelo”.

Percebe-se que a música relata a questão de não tocar em algo que não é seu, que não se pode fazer um prejulgamento de algo ou de alguém que você não sabe o motivo que este escolheu para usar um estilo de cabelo diferente do outro, pois são traços que o sujeito traz em virtude de sua cultura que vem desde seus familiares mais velhos, ou de suas características biológicas. Dessa forma não se pode tentar achar que esses traços simplesmente se apagarão com um corte de cabelo ou passando alisamento nele. Devemos respeitar e aceitar as pessoas como elas são, pois não vai ser com discriminação que iremos mudar a feição delas, precisa-se de respeito e tolerância com as outras pessoas que estão na sociedade, e isso é o bastante para entender que temos características diferentes, não se faz esse tipo de preconceito com o sujeito.

Assim, o interesse pela temática surgiu a partir de vivências e experiências pessoais de racismo sofrido no espaço escolar e fora da escola, já que nestes espaços me viam como a menina que andava sempre com o cabelo amarrado, a menina estranha e esses tipos de olhares acabavam me reprimindo, me bloqueando. O racismo nos espaços escolares acaba que fazendo a pessoa que sofre tal situação se cale. A cada tipo de preconceito sofrido, por mais que eu quisesse ou tentasse falar em público ou explicar que não era errado ter o cabelo enrolado, cacheado ou crespo, eu não conseguia. O que geralmente fazia, era eu me invisibilizar para tentar suportar os racismos que sofria pelo meu cabelo, isso no espaço escolar e também nos outros contextos sociais.

Outro fator que motivou a fazer pesquisa, foram discussões realizadas no âmbito da disciplina de metodologia de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais ofertada no primeiro semestre de 2019, momento em que uma das aulas foram abordadas questões de variação de linguagem, nesta aula surgiu o assunto da discriminação do outro pela fala e pelas características culturais e regionais. Alguns exemplos de discriminação surgiram e então a turma em diálogo com a professora passaram a refletir sobre as diversas possibilidades de como tratar cada aluno em suas individualidades, independentemente de sua característica cultural, de seu lugar de fala, de sua aparência física e de seu estilo de cabelo, etc. Naquele momento passei a refletir sobre o quanto os espaços de formação escolar me silenciavam.

O título “Não mexa, não toque nesse meu cabelo”, surgiu logo após um racismo feito em relação à forma de como o meu cabelo estava, pois antes ele era todo liso e agora ele está enrolado, e com isso surgiu a discriminação. Mediante a isso veio à minha mente a música “Não mexa, não toque nesse meu cabelo”, e daí título que compõe esse TCC. “Esse meu cabelo rock” da banda João Pencas e seus Miquinhos Amestrados (1982) fala em não tocar de maneira nenhuma no cabelo, ou seja, a pessoa pode olhar, mas jamais pode discriminar o outro seja em função da raça, cor ou do cabelo. Pela música entendi que o cabelo é mais que um aspecto físico, ele é um elemento que constitui a identidade da pessoa, em específico, da pessoa negra. Sendo assim o título traz questões sobre a forma de como o sujeito é visto em meio a sociedade e quais os preconceitos que o rodeia.

Sobre a temática mencionada “O cabelo como elemento de identidade do sujeito”, foi realizado um levantamento bibliográfico prévio a fim de mostrar pesquisas que, de alguma forma abordam a temática. A pesquisa feita a partir de descritores que estão relacionados ao tema tais como: Cabelo cacheado, O preconceito em relação ao cabelo cacheado, O olhar da sociedade sobre o cabelo enrolado. Surgiram em média cem artigos em relação aos descritores citados acima, mas somente vinte e sete foram selecionados para que seja elaborada a pesquisa por trazer o cabelo como elemento de identidade. Os artigos selecionados ajudaram na compreensão da temática, principalmente porque abordam a aceitação do cabelo cacheado/crespo, e fazem uma relação de como a sociedade enxerga a pessoa negra a partir do cabelo, a partir de sua identidade e de como o sujeito negro é visto a partir de uma construção histórica de negação e invisibilidade social.

Outro fator que justifica a pesquisa aqui pretendida é o fato de não haver registro de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, no âmbito do Curso de Pedagogia no IEAA, que visa buscar e investigar essa temática, o que motivou ainda mais realização desta pesquisa.

Assim, entende-se que “O cabelo como elemento de identidade do sujeito” pode ajudar em discussões que visem minimizar situações de estereótipos e preconceitos nos espaços de formação, seja no âmbito escolar ou na universidade, levando informações importantes para que as pessoas busquem pesquisar sobre a identidade do sujeito, visando eliminar qualquer preconceito ou discriminação se tratando da escolha em que este fez em relação ao seu estilo de cabelo, instigando elas a buscar informações novas a respeito da identidade do sujeito, pois são informações consideradas importantes para as discussões formativas no âmbito da formação de professores.

Partindo da temática apresentada surgiram os seguintes questionamentos: Qual seria a forma mais educada de dizer para a sociedade que não existe um padrão de beleza para

seguir? Por que há tanto preconceito sobre o cabelo? Por que não se pode aceitar as pessoas como elas são? Quais os motivos que levam as pessoas a fazerem essas discriminações? Como trabalhar questões raciais no contexto escolar? Partindo das angústias pessoais frente a temática posta, elegemos os seguintes objetivos: Como objetivo geral: Analisar os discursos formativos dos estudantes do Curso de Pedagogia sobre a construção identitária a partir do cabelo. Os objetivos específicos são: Perceber os aspectos formativos de auto identificação da negritude dos participantes; identificar nos discursos dos participantes como o cabelo constitui-se como elemento de identidade; compreender o papel da escola na produção de identidade dos estudantes a partir da fala dos participantes.

A pesquisa a ser feita é de cunho qualitativa , com a perspectiva na pesquisa bibliográfica e de campo nos quais são embasados temas que são colocados no trabalho para que se tenha um entendimento em relação a esta pesquisa. Assim os dados foram produzidos mediante a abordagem qualitativa em educação, seguindo as estratégias de entrevistas feitas aos discentes que participaram desta pesquisa por entender que “[...] durante muito tempo a voz dos participantes da pesquisa era silenciada, sobressaindo apenas a dos pesquisadores” (SANTOS, 2020, p. 2).

Com isso deve-se fazer uma busca sobre o saber para que possamos ampliar nossos conhecimentos em relação a determinado assunto, neste caso quando falamos em pessoas negras, em função dos estereótipos estabelecidos socialmente, logo temos em nossa imaginação uma pessoa com lábios carnudos e cabelos crespos. Assim, esta proposta de pesquisa leva em consideração o cabelo como elemento de identidade amparada em autores e autoras que discutem temas inerentes a construção histórica do sujeito tais como: Gomes (2002); Hall (1992); Lopes (2021). Considera-se importante pensar em questões que busquem discutir identidade/diferença, raça, colonização, conceitos considerados importantes para a discussão a que se propõe esta pesquisa.

Assim sendo entende-se que o cabelo é uma das características que fazem com que os negros sejam reconhecidos mediante a sociedade, na qual há preconceitos e ainda prevalece padrões de beleza europeu, ou seja, em uma sociedade onde se pode ser o que você quiser, seja você negro, branco, índio entre outros, você só pode seguir um caminho que é tentar se encaixar em algum “padrão de beleza” ,na qual o mundo social se “sentira mais confortável em aceitar”, visto que, ser quem você quer ser incomoda muitas pessoas, à vista disso o ser humano não está sendo quem realmente ele quer ser, estará sendo apenas se cobrindo com uma “mascara”, na qual fizeram para ele possa esconder suas raízes e seu passado, que foi

duramente difícil chegar até onde estes chegaram para que simplesmente façam calar sua voz, tentando esconder suas características, modo de ser, de vestir e de andar. Concordamos que “O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito” (GOMES, 2019, p. 23).

Percebe-se que a contradição elevada para o que seria cabelo “bom” e cabelo “ruim”, na qual perpassa para uma construção social da produção dos sujeitos a partir de critérios eurocentrados que definem o belo e o não belo, o bom e ruim, etc. Entendemos que a figura do negro no Brasil foi construída sob viés da colonização eurocêntrica e suas significações, e, apesar da tecnologia midiática mostra, em alguns aspectos, casos de preconceito e racismo no Brasil, as pessoas continuam leigas em relação a história do negro e suas identidades. Até que ponto seremos sujeitos a esses tipos de preconceito, por ser quem somos em meio a uma história de muita luta? Talvez as reflexões postas neste Trabalho de Conclusão de Curso nos ajudem a perceber o outro, os negros e negras, discentes ou não do Curso do Pedagogia do IEAA, seja por meio do cabelo ou suas tantas outras identidades construídas, muitas vezes invisibilizadas nos espaços formativos, inclusive na universidade.

SEÇÃO 2

O CABELO COMO ELEMENTO DE IDENTIDADE

*Quem disse que cabelo não sente, quem disse que cabelo não gosta de pente. Cabelo quando cresce é tempo, cabelo embaraçado é vento
(ARNALDO ANTUNES E JORGE BEM JOR, 1990).*

A identidade do sujeito negro é vista de forma tão polêmica que acaba se fazendo uma imagem totalmente diferente da qual o negro quer mostrar em relação ao seu cabelo, sujeitando-o a querer mudar o seu cabelo, e, uma das maneiras mais “fáceis” seria o alisamento e muitos acabam usando a química para tentar se encaixar-se em um “padrão” de beleza socialmente construído. Muitas vezes o sujeito negro traz consigo o peso de estar fora dos padrões de beleza desde criança.

Como ressalta Rosa (2018, p.15) “é possível perceber que desde a mais tenra infância, as crianças negras, em especial as meninas, se deparam com inúmeras situações de humilhação e preconceito por conta de seus cabelos, nomeados de “ruins”, “inadequados”, “feios”. Desta forma, percebe-se que o preconceito em relação ao cabelo começa na infância e vai até o crescimento do sujeito, ou seja, não há mudanças recorrentes de que o preconceito foi amenizado, ou que ele não é mais falado e sim ele só fez aumentar ao decorrer da idade do sujeito.

Fazendo uma analogia sobre o cabelo percebe-se que surge diferentes tipos de piadas em relação a ele, pois o sujeito é submetido a este tipo de situação em diferentes contextos:

O cabelo crespo gera reações que expressam o incômodo de algumas pessoas, por estar em desacordo com um padrão estético hegemônico. Isto é percebido no cotidiano de diversas formas: por meio de expressões utilizadas para designar o cabelo crespo, como ‘cabelo ruim’, ‘cabelo de bombril’, ou eufemismo como o ‘cabelo enrolado’, por meio de músicas (“Nega do cabelo duro”); comentários jocosos (“não penteou o cabelo hoje”), piadas preconceituosas (“cabelo ruim é como ladrão: ou está armado ou está preso”) (CASTRO; KABENGELE, 2017, p. 102).

Dessa forma o cabelo do sujeito gera bastante desconforto para algumas pessoas, e que estas acabam que fazendo piadas sem graça e desnecessárias e maldosas, que cessa o sujeito sufocando-o e acaba que reprimindo este para que se sinta envergonhado por seu estilo. E muitas vezes essas piadas surgem em formato de música, trazendo uma ideologia para os cidadãos sem que eles percebam, com isso a música fica no pensamento da pessoa até que use

esse tipo de piada com o sujeito por causa de seu cabelo. E uma das músicas conhecidas pela sociedade é a “Nega do cabelo duro” escrita por David Nasser e Rubens Soares, (1942).

Há quase uma década, a música “Nega do cabelo duro” vem sendo cantada nos carnavais brasileiros. A letra dessa marchinha “brinca” com a impossibilidade de pentear o cabelo de uma mulher negra, devido a textura da fibra capilar. Ou seja, não haveria pente capaz de o cabelo crespo, “duro” da personagem (MALACHIAS, 2007, p. 35).

Entende-se que o cabelo a décadas vem sendo discutido pela sociedade sendo trazida por meio de marchinhas de carnavais, tendo em vista que a luta dos negros em busca de direitos iguais percorreu por um longo caminho, na qual houve bastante resistência para estes pudessem ser reconhecidos por sua luta desde os tempos de escravidão.

As pessoas não entendem que há uma questão de cultura que envolve o estilo de cabelo, que o cabelo do negro não serve para fazer preconceitos, e sim para expressar o quanto o negro batalhou para estar vivo e ter seu lugar mediante a sociedade, é preciso entender todo o contexto que vem se falando da figura negra no Brasil.

A população negra não consegue estabelecer padrões de representações da sua própria cultura, sendo induzido a permanecer na negativa da sua cultura ou ainda, buscando referenciais de cultura do branco, que é a etnia dominante no jogo das relações étnico-raciais, o que ocasiona uma perda da identidade negra. Desvendar o que é essa identidade perdida e como isso se relaciona com a construção da própria ideia de cultura negra, se transforma hoje, em ponto de partida para discutir sobre os referenciais que marcam negras (os) como cidadãs e cidadãos. A identidade da população negra passa pela discussão do que é ser negra (o) no Brasil (CARVALHO, 2015, p. 6).

Dessa forma há uma questão de se manter culturas em um país que não se tem respeito pela cultura trazida por um povo que já sofreu tanto para ser respeitado e aceito da maneira que é, tendo assim que viver com uma cultura rasurada pela cultura dos brancos, mostrando assim que relações de poder entre os brancos ainda é muito forte, fazendo com que negros (as) acabem se acomodando com a cultura que lhe foi apresentada mediante ao seu meio social.

Pessoas negras já sofrem com a exclusão e discriminação étnico-racial diversos âmbitos sociais, fato resultante da trajetória escravagista do Brasil. Mas as mulheres negras são ainda mais vulneráveis por terem somadas a essa discriminação a questão de gênero (VARELA 2017, p. 11).

Levando em consideração a afirmação da autora, as mulheres sofrem preconceito por serem do sexo feminino, muitas escondem suas raízes, fazendo tranças, amarrando os cabelos, enchendo ele de grampos e até passam a alisá-lo muitas vezes, tudo isso para não sofrerem preconceito fazendo assim a camuflagem de suas características reais na qual está define sua

personalidade. Percebe-se que as mídias reforçam a questão dos estereótipos através de produtos de beleza tais como shampoo, secador, prancha alisadora dentre outros tipos de produtos que são especificamente para serem usados em cabelos lisos.

O cabelo ocupa uma posição central na sociabilidade das mulheres. A forma como é retratado na mídia impressa ou nas redes sociais pode reforçar padrões de dominação ou apoiar estratégias de acomodação e resistência a tais padrões (SANTANA, 2014, p. 132).

Mediante a isto a mídia ela tem como peso reforçar ou não os estereótipos relacionados aos cabelos, pois, ela tem como poder influenciar as pessoas de uma maneira invisível, para que o sujeito siga um padrão de beleza, existente somente nas mídias. Reforçando assim a ideia de fenótipo, na qual existe somente em propagandas inventado pela mídia, que usa cosméticos para produzir uma ideologia voltada para os cabelos. Coutinho descreve que

Percebemos o quanto o poder é utilizado para demarcar o espaço e a ideologia que propaga o uso do cabelo conforme os padrões determinados pela sociedade, os quais estão baseados numa estética branca, delimitada pela visão eurocêntrica de ver o mundo (COUTINHO, 2022, p. 4).

Por meio disto, distingue-se que há um poder que exerce sobre a identidade do sujeito, com referência ao seu estilo de cabelo, pregando uma ideologia para a sociedade, em que, é mais acessível o sujeito usar um cabelo com química, para que este possa se encaixar no padrão, que foi criado ao negro no tempo da escravidão, remetendo-se ao cabelo liso, sem ser o ‘cabelo duro’, ‘difícil de ser penteado’, dentre outras discriminações que são feitas ao cabelo cacheado. Assim,

[...] A rejeição do cabelo pode levar a uma sensação de inferioridade e de baixa autoestima contra a qual se faz necessária a construção de outras estratégias, diferentes daquelas usadas durante a infância e aprendidas em família. Muitas vezes, essas experiências acontecem ao longo da trajetória escolar. A escola pode atuar tanto na reprodução de estereótipos sobre o negro, o corpo e o cabelo, quanto na superação dos mesmos (GOMES, 2002, p. 47).

O sujeito que sofre rejeição em relação a seu cabelo acaba que se sentindo inferior as outras pessoas, passando a pensar que não é bem-vindo nos lugares em que não há pessoas com cabelos iguais ao seu, e a escola é um dos principais caminhos para essa ideologia seja tirada dos pensamentos das crianças podendo trabalhar com esse tipo de preconceito reforçando que podemos conviver com as pessoas que tem estilos diferentes e que podemos aprender sobre a cultura destes, passando a ter outros conhecimentos no qual estes não tinham, dessa forma teremos um olhar de respeito sobre as pessoas sem julgá-las pelo seu estilo.

A interdisciplinaridade deve ser entendida como caminho viável a prática educativa, pois ela aproxima e, por vezes, ultrapassa diferentes disciplinas, que se utilizam de temas geradores, comuns, aprofundados em cada quadro de referência da pesquisa disciplinar. Desse modo, a obrigatoriedade do ensino de história da África e da cultura afro-brasileira nas escolas possibilita o exercício interdisciplinar entre fatos históricos, geográficos, linguísticos, artísticos e até matemáticos, referentes ao tema gerador (MALACHIAS, 2007, p. 29).

O cabelo como elemento de identidade do sujeito traz consigo questões interdisciplinares, pois traz um misto de assuntos que precisam ser tratados mediante as salas de aula, com o objetivo de diminuir o racismo em meio ao âmbito escolar e social, para que se possa ter respeito aos povos negros, e que estes possam ter acesso aos espaços mediante a sociedade sem que haja preconceitos. Gomes (2002, p. 50) enfatiza que.

Cortar o cabelo, alisá-lo, raspá-lo, mudá-lo pode significar não só uma mudança de estado dentro de um grupo, mas também a maneira como as pessoas veem e são vistas pelo outro; o cabelo é um veículo capaz de transmitir diferentes mensagens, por isso possibilita as mais diferentes leituras e interpretações. Desse modo, para muitos, o cabelo é a moldura do rosto e um dos principais sinais a serem observados no corpo humano (GOMES, 2002, p. 50).

Mediante a isto percebe-se que há um olhar diferente sobre o cabelo, ele pode ser de qualquer forma, tendo em vista que não mudará em nada na percepção da sociedade, pois acaba que se tornando uma moldura do rosto, é através dele que o sujeito transmite diferentes mensagens, as pessoas podem falar, pensar o que quiserem o importante é o sujeito saber se impor sobre as críticas feitas sobre ela, o que importa é saber se conhecer e entender que nenhuma crítica, discriminação ou preconceito irá mudar sua essência e o seu jeito de ser. Nos dias atuais percebe-se estes tipos de preconceitos, discriminações estão cada vez mais que desaparecendo, aos poucos a sociedade tem a consciência de que o cabelo traz consigo uma questão de cultura. No Brasil, temos assistido ao longo dos anos o crescimento de uma estética negra com a valorização positiva de aspectos fenotípicos “naturais”.

Podemos verificar uma maior aceitação, ou menor rejeição, pela sociedade em geral de um modelo de pentear/adornar os cabelos que diferem do baseado no ‘padrão europeu’. Este “padrão” é marcado por arquétipos brancos que demarcam ‘a aparência “ideal”, que, neste caso, estaria relacionada ao grupo social dominante (COUTINHO, 2011, p. 1).

Neste caso há um índice menor de preconceito em relação ao cabelo, entende-se que a sociedade faz a relação da identidade do sujeito a partir de suas características culturais, na qual este traz como genética os laços sanguíneos de geração em geração. Tendo em vista que o tal “padrão” que definia a aparência ideal, os paradigmas que vinha dos europeus aos poucos vão se sobressaindo com o passar dos anos, na medida em que o sujeito busca passar, a partir de seu cabelo, um sinal de força e de luta, visto que o cabelo é resistência. É uma

maneira em que o sujeito tem para passar a sociedade que ele e seus familiares lutaram para conseguir quebrar todas as barreiras que regem a discriminação e o preconceito.

O movimento Black Power¹ surgiu na década de 1960, caracterizado pelo uso dos cabelos sem intervenção química ou física para “alisar”, o que foi definido como “natural”, por jovens negros; juntamente com este movimento, surgiu o slogan ‘Black is beautiful’ defendendo a afirmação de que “ser negro é lindo” (COUTINHO, 2011, p. 1).

Os apontamentos acima levam entender que a partir do cabelo há uma construção social, visto que a sociedade constrói uma imagem fictícia da figura negra, alicerçado em racismo e preconceito. Pode-se entender que o cabelo é uma forma de expressão, o sujeito quer passar para a sociedade muito mais que só aparência, este quer passar que tem poder, coragem e que vai à luta para combater qualquer tipo e formas de preconceitos relacionados ao seu tipo de cabelo.

O sujeito cria sua identidade ao decorrer do seu crescimento, pois é a partir daí que ele vai se construindo em sociedade, sem perder seus traços de identidade na qual já está construído antes mesmo deste entender e reconhecer que suas características, seu modo de ser, já vem de seus familiares, neste caso ele carrega traços e histórias de seu povo.

A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (‘aquilo que sou’), uma característica independente, um ‘fato’ autónomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e auto-suficiente (HALL; SILVA; WOORDWARD, 2000, p. 74).

Portanto, a questão da identidade está relacionada ao o que a pessoa é, ou seja, se ela negra com cabelo liso ou enrolado devemos apenas respeitar, pois existi uma diversidade de pessoas diferentes umas das outras, não se pode relacionar uma pessoa com a outra, dizer que está deveria ser igual àquela, não existe isso de definir uma pessoa através da imagem de outra, só porque estamos incomodados com a imagem na qual o sujeito está passando para nós.

Em relação a essa divisão que se tem envolvido a questão de raça, na qual entende-se que há no mundo inteiro. Quijano (2005, p. 118) comenta que:

(...) a idéia de raça foi associada à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura global de controle do trabalho. Assim, ambos os elementos, raça e divisão do trabalho foram estruturalmente associações e reforçando-se mutuamente, apesar de que nenhum dos dois eram necessariamente dependentes do outro para existir ou para transformar-se.

Sendo assim entende-se que está ideia de raça já existia há muito tempo, sendo ela distinguida por questões biológicas, nas quais as pessoas eram separadas entre índios, negros e entre outros, havia então uma dominação gerada entre os brancos para com estes grupos que

não ‘tinham os mesmos traços’ que eles , sendo assim os índios e os negros eram explorados fazendo trabalhos pesados para gerar renda para os brancos, construindo assim uma hierarquia vindo dos brancos, na qual lugares vinham sendo dominados pelos brancos. Mediante a isto entende-se que a ideia de raça foi se construindo ao longo do tempo através das características e papéis nas quais cada pessoa ia servir mediante a sociedade.

Os estereótipos vão surgindo na medida em que o sujeito cresce, pois é a partir daí, que surgem apontamentos em relação a sua aparência seja ele de maneira positiva ou negativa de havendo em meio a isto uma descentralização do sujeito, pois este está fragmentado, ou seja, está perdendo suas culturas, nas quais vinha trazendo consigo, ocorrendo assim uma crise de identidade entre o sujeito e sua personalidade, por conta de comentários nas quais estes não estão preparados para ouvir.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL,1992, p. 12).

Portanto, o sujeito é composto por várias identidades que surgem através de argumentos que se faz mediante a sociedade, ocorrendo assim uma problemática envolvida em seu reconhecimento, surgindo argumentos e dúvidas de quem ele seria realmente ou dúvidas de que ele não está passando ‘uma boa imagem de si’ em seu meio social. Quando se diz que a identidade na qual era unificada e que está se torna fragmentada, neste caso ocorreu um impasse sobre este, pois há tantos comentários sobre sua imagem que este acaba que se contrariando com sua própria identidade, na qual não se sabe quem realmente é quando se olha no espelho. Tendo em vista que identidade e raça estão interligadas a questão de aceitação mediante a sociedade, pois é a partir disto que o meio social vem trazendo ordens para o sujeito.

A ideia de raça, neste aspecto, em seu conceito específico, foi engajada de modo a ‘outorgar legitimidade’ à imposição da conquista colonial, a partir da formação de um discurso, na qual o binarismo inferior/superior, se relacionava, respectivamente, à dicotomia colonizado/colonizador. A ideia de raça e sua diferenciação serviram para naturalizar o que era propagado por este discurso colonial. Além disso, conforme a expansão colonial foi ocorrendo, a perspectiva eurocêntrica do conhecimento foi se moldando, assim, mais do que referente à produção do discurso de poder, a ideia de raça foi teorizada pelos europeus frente aos povos conquistados (TELES, 2020, p. 2).

Sendo assim, constata-se que a ideia de raça surge como meio de ferramenta para quem tem mais poder sobre os grupos de baixa renda, neste caso o colonizador mantinha

poder sobre o colonizado. Tendo em vista que havia discursos em relação a raça, na qual havia relações de poder sobre os colonizados. Portanto a história dos negros foi baseada em relações de poder, discriminações e desigualdade social vindo por parte dos colonizadores nas quais estes tinham total poder sobre os negros por causa de seus traços marcantes, sendo estes cabelos enrolados e pele escura.

A identidade negra perpassou por muitos anos pela sua caracterização física, ou seja, a cor da pele escura, o cabelo crespo, os lábios grossos, o nariz adunco, eram estereótipos dos considerados negros (as). Havia uma classificação de quem seria negro (a) e quem não seria. A identidade cultural e a ancestralidade não eram levadas em consideração, no momento de definição de quem seriam ou não negras (os) (CARVALHO, 2015, p. 8).

Entende-se que a questão do ser negro (a), era, e é bastante discutido, por conta de traços nos quais os povos trazem consigo, tanto que havia uma classificação entre os cidadãos de quem seria ou não seria negro (a). Percebe-se que ao longo do tempo questões como identidade cultural e ancestralidade já não eram considerados para definir um sujeito do outro, pois o que era levado em consideração eram seus traços que eram vistos com bastante cautela.

Tendo em vista que o sujeito, é o que ele entende que é, ou seja, se ele nasceu negro (a), ele vai ser negro (a), não importa as opiniões, o que importa é ele ser feliz de acordo com suas características, não importa quantos dedos são apontados para ele, dizendo o que ele deve ser. Devemos ser o que queremos ser, não vai qualquer preconceito que irá nos fazer desistir do queremos ser ou seguir, a cada preconceito a ser jogado para nós, devemos nos tornar mais fortes com isso, pois são eles que nos mostraram o quanto incomodamos a sociedade por estar sendo o que queremos ser. Desta forma devemos sempre seguir o caminho que nos faz bem, ou seja, não levar em conta as pessoas que querem fazer preconceitos por causa dos nossos cabelos ou de como somos, pois são essas características que nos tornam únicos.

O cabelo não é um elemento neutro no conjunto corporal. Ele é maleável, visível, possível de alterações e foi transformado pela cultura, em uma marca de pertencimento étnico/racial. No caso dos negros, o cabelo crespo é visto como um sinal diacrítico que imprime a marca da negritude nos corpos (GOMES, 2001, p. 7).

O cabelo traz essa questão de resistência, uma luta por trás dele, um significado de que para chegar aonde se chegou, percorreu-se um longo e vasto caminho para que houvesse respeito aos afro-brasileiros, tendo em vista que ele não é neutro, é a marca de um povo que trouxe a cultura deles para o Brasil que tanto lutou e que ainda luta por direitos e lugares frente a sociedade, é uma ressignificação pertence a eles a maneira de como será usado.

Tendo em vista que em meio a nossa sociedade o cabelo e o tom da pele são os elementos em que mais chamam a atenção da sociedade, através destes é feito uma espécie de

classificação para saber quem é negro e quem é branco, é de grande importância para saber como os negros são vistos e como eles se vê, em meio a uma sociedade que faz seleções através da cor da pele e através do cabelo. Visto que esta seleção que se faz com a característica do sujeito é uma questão de preconceito que muitos dizem que não são preconceituosos e que não estão fazendo racismo com ninguém, pois simplesmente estão fazendo apontamentos para saber quem é branco e quem é negro.

Como cita Hiddleston (2021, p. 159) “essa erosão de diferenças específicas previne, assim o marginalizado de produzir uma comunidade distinta como um símbolo da resistência da cultura imposta”. Mediante a isto, entende-se que as diferenças se fazem como meio de ‘prevenção’ para que não seja expandido uma cultura diferente da qual já foi criada na sociedade, ou seja qualquer outra cultura que seja totalmente diferente da que a sociedade já está acostumada será marginalizada.

SEÇÃO 3

O CABELO COMO ELEMENTO DE IDENTIDADE: LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Como antes mencionado, este trabalho é de cunho qualitativa, com vista em entrevistas narrativas. O levantamento bibliográfico é considerado aqui um elemento importante na construção teórico-metodológica nesta pesquisa de TCC, pois, foi a partir dele que pudemos enfatizar sobre identidade, estereótipos, negros (as) dentre outros conceitos que nos ajudam entender as histórias narradas pelos discentes participantes neste estudo. Os dados apresentados nesta seção partem das narrativas produzidas junto aos discentes do curso de pedagogia.

Os sujeitos participantes da pesquisa são alunos do curso de Pedagogia do IEAA que aceitaram livremente participar deste levantamento. Os dados aqui apresentados foram alcançados através das entrevistas realizadas via *WhatsApp*. As narrativas foram produzidas de forma remota em função da pandemia por COVID-19, cada entrevista foi transcrita na íntegra, porém, aparecem no tópico de análise em fragmentos a partir de eixos de análise previamente estabelecidos.

A pesquisa foi desenvolvida com quatro discentes do curso de Pedagogia do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente - IEAA/UFAM, que fica localizado no Centro de Humaitá, Amazonas. Os sujeitos foram convidados a participarem da pesquisa via mensagem de *Whatsapp* e se dispuseram a dar seus depoimentos sobre sua relação com o cabelo e sobre preconceitos e situações de racismo que vivenciaram nos espaços diversos formativos, escolar, acadêmico ou social.

Para chegar a estes entrevistados (as) fez se uma busca no perfil da matrícula destes junto ao IEAA, na qual houve anotações para saber quem seria os possíveis sujeitos da pesquisa, e, ao fazer a busca pelos entrevistados (as) identificamos uma quantidade considerável de discentes do curso de pedagogia que se identificaram negros, porém ao ser contactados, apenas quatro discentes responderam aceitando participar das entrevistas. Para manter o anonimato, conforme manda a ética na pesquisa, os discentes foram nomeados como Entrevistado 1 (E1), Entrevistado 2 (E2), Entrevistado 3 (E3) e Entrevistado 4 (E4), mediante a ordem em que estes foram entrevistados, sendo um do sexo/gênero masculino e três femininos, como mostrados no quadro a seguir.

Quadro1: Identificação dos participantes da pesquisa

Sujeitos	Idade	Sexo/Gênero	Período que cursa
Entrevistado1 (E1)	31 anos	Feminino	8º período
Entrevistado 2 (E2)	26 anos	Feminino	Desperiodizada
Entrevistado 3 (E3)	26 anos	Feminino	Desperiodizada
Entrevistado 4 (E4)	24 anos	Masculino	8º período

Fonte: Elaborado pela autora mediante os dados produzidos nas entrevistas.

A análise das entrevistas está embasada por autores que discorrem sobre o cabelo como elemento de identidade ou que, de alguma forma se articulam à temática. Como mencionado, os dados foram produzidos através de gravações feitas pelos entrevistados, sendo que, no decorrer da produção das entrevistas, aparece nas falas dos sujeitos o modo como cada lidou/lida com o preconceito e racismo durante sua formação escolar, seja nos espaços escolares ou em outros, bem como, a forma como cada sujeito lida com suas identidades, alguns mostram, inclusive, que se aceitam do jeito que é, seu cabelo, sua cor, raça, gênero, entre outros aspectos, sem dar ouvidos para o que as pessoas emitem a seu respeito.

As falas foram de suma importância nesta pesquisa, pois, revelam como é importante haver diálogos sobre questões relacionados a identidade dos sujeitos no contexto educacional, o quão é considerável trazer assuntos que são bastante pertinentes em nossa sociedade. Sobre as entrevistas na pesquisa, optamos por esta técnica por concordar que.

[...] na entrevista a relação em que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistador discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista (ANDRÉ e LUDKE, 1986, p. 33).

Dessa forma, as entrevistas com interação levam ao pesquisado (a) responder as perguntas com mais leveza sem ter que cortar suas falas, ou seja, o pesquisador faz com que o pesquisado (as) se sinta à vontade para responder as perguntas. É de suma importância fazer com as entrevistas sejam de cunho relevante para quem esteja sendo entrevistado (a), pois

através das entrevistas podemos buscar diversos contextos sociais e histórias em que possamos ter uma gama de conhecimentos sobre a identidade do sujeito por meio das narrativas em que foram alcançadas pelo pesquisador e pesquisado (a).

Nas subseções a seguir estão organizadas as entrevistas em eixos de análise, o saber: 3.1 *Múltiplas identidades*, 3.2 *O cabelo nas memórias narradas*, 3.3 *A relação com o cabelo*, 3.4 *Sobre discriminação pelo cabelo* e, por último, 3.5 *O papel social dos espaços formativos escolares na produção social do sujeito*. Nas entrevistas, cada discente fala um pouco de si, como ocorreu sua infância na escola, distinguindo-se o gênero, idade e sua profissão, e suas relações pessoais e percepções acerca da visão da sociedade sobre o cabelo. Entendemos que, na entrevista.

[...] o que cada pessoa seleciona para “ver” depende muito de sua história pessoal e principalmente de sua bagagem cultural. Assim, o tipo de formação de cada pessoa: o grupo social a que pertence, suas aptidões e predileções fazem com que sua atenção se concentre em determinados aspectos da realidade, desviando-se de outros (ANDRÉ e LUDKE, 1986, p. 25).

Dessa forma podemos conhecer um pouco dos entrevistados com base no que cada um trouxe em suas narrativas, tendo uma visão de como suas bagagens pessoais culturais constituem suas identidades e de como estes foram/são afetados de forma positiva ou negativa ao longo de suas vidas acerca do cabelo. Assim, os dados apresentados a seguir foram analisados partindo das narrativas produzidas junto aos discentes do IEAA do curso de pedagogia.

3.1. Múltiplas Identidades

As entrevistas realizadas apontam para um universo de múltiplas identidades dos sujeitos pesquisados. Em suas falas aparecem discursos que mostram o gênero/sexo e as identidades produzidas em meio à condição histórica de formação: “sou dona de casa”, “sou estudante”, “sou cristão”, que mostram a forma como estes/estas estudantes se narram frente sua condição social, cultural e histórica. A este respeito, Hall (2013) aponta que as identidades vão sendo construídas em meio ao processo histórico e os contextos em que os sujeitos estão inseridos e participam e são percebidas por meio das diferenças entre estes sujeitos, ou seja, é por meio da relação com o ‘outro’ que o sujeito é capaz de afirmar sua identidade. A diferença, na mesma forma de ver, “é parte ativa da formação da identidade” (SILVA, 2013, p. 84).

As identidades assumidas pelos/as entrevistados/as aparecem quando estes/as se narram em sua cor, gênero, níveis de formação escolar e não escolar, espiritualidade,

religiosidade entre outras especificidades que mostram suas identidades. As múltiplas identidades aparecem nas narrativas apresentadas:

E1 - Sou do sexo feminino, negra, tenho 31 anos. Sou estudante e dona de casa, estou cursando o Ensino superior.

E2 – Sou do sexo feminino 26 anos, tenho uma filha de 6 anos de idade, minha formação escolar foi em escolas públicas.

E3 - Sou do sexo feminino, mulher negra 26 anos. Atualmente cursando ensino superior na UFAM, no curso de Licenciatura em Pedagogia.

E4 – Sou do sexo masculino, cristão, 24 anos, cursando pedagogia.

Sobre as múltiplas identidades que aparecem nas falas dos/das discentes entrevistados/as, podemos entender que, ao narrarem suas identidades, os entrevistados mostram a forma como eles se identificam subjetivamente e socialmente, isso é observado quando dizem, sou do sexo feminino/masculino. As narrativas mostram o quanto o sujeito tem sua subjetividade, o quanto ele é único em meio às diferenças postas no meio social.

Cada sujeito se torna único na sociedade, cada um tem suas características diferenciando uns dos outros, e através da nossa identidade fazemos nossa subjetividade, pois é, a partir dela, que o ser social se constitui e produz a sua própria história em meio a sociedade. Neste sentido.

Ao falarmos sobre corpo e cabelo, inevitavelmente, nos aproximamos da discussão sobre identidade negra. Essa identidade é vista, no contexto desta pesquisa, como um processo que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora. É essa relação tensa, conflituosa e complexa que este artigo privilegia, vendo-a a partir da mediação realizada pelo corpo e pela expressão da estética negra. Nessa mediação, um ícone identitário se sobressai: o cabelo crespo. O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos (GOMES, 2001, p. 2).

O cabelo e o corpo dizem muito sobre a nossa identidade e do queremos ser através de cada detalhe, e, é nesses detalhes que se faz construção social do sujeito negro (a), porém a identidade negra não se faz apenas por detalhes, se faz por lutas e experiências não tão boas que fizeram os negros serem reconhecidos, de alguma forma, como um povo que lutou e luta por seus direitos e reconhecimento identitário. De acordo com Gomes (2001) o sujeito negro (a) tem suas próprias características na qual se faz um ser subjetivo e único através de seus traços físicos e subjetivos identitários.

3.2 O cabelo nas memórias narradas

Gomes (2019, p.14) comenta que “As jovens negras, nos últimos dez anos, passaram a assumir a negritude em seus cabelos como forma de afirmação identitária”. Nos relatos dos discentes aparecem como estes lidam com as memórias que possuem de seu cabelo e como o cabelo é um elemento de identidade.

E1 - A minha infância foi bem tranquila, meus amigos sempre me aceitaram como eu sou, por ter a pele negra mais escura ou por causa do meu cabelo, mas nunca fui excluída de brincadeira, não passei por nenhuma discriminação nesse ponto, na escola também não enxergava essa discriminação, sempre fui aceita nos lugares, nunca passei por nenhum constrangimento. [...] teve uma época que eu fiz alisamento, porque dava muito trabalho de pentear, não tinha muita paciência para pentear o cabelo, e eu também gostei do liso. Foi uma experiência muito legal, tinha os cachos e depois o alisamento, depois resolvi ficar somente com os cachos, futuramente quem sabe eu não alise novamente, mas hoje eu prefiro os meus cachos que eu estou amando, amo de paixão, aceito meu cabelo da maneira que ele é.

E2- minha infância foi cheia de brincadeiras, me conheço como da cor preta, particularmente não me considero uma mulher com beleza, mas o que acho mais bonito em mim é o meu cabelo.

E3- Eu, me vejo uma mulher adulta, independente no sentido de resolve qualquer situação, minha cor de pele é negra, é linda, minha beleza é sem igual, meu sorriso, meus olhos, minha boca, meu nariz e meu corpo, meus traços são meus. Hoje eu me vejo assim, tenho essa certeza e confiança.

E4- Me vejo como negro, porem na minha certidão está constando pardo, gosto muito dos meus lábios que são bem grandes e gosto bastante do meu cabelo, são coisas que eu não aceitava antigamente achava tudo em excesso, mas hoje em dia me aceito como eu sou. Meu cabelo é cacheado preto, ele define muito rápido sem eu precisar usar creme, gosto muito do meu cabelo, ainda mais nesses últimos anos, que o cabelo cacheado teve bastante destaque, ai que comecei a gostar mais ainda do meu, eu era o único que usava cabelo cacheado na família e agora meus irmãos também começaram a deixar seus cachos assumidos, gosto e assumo o meu cabelo cacheado, esse estilo é o símbolo da raça negra. Um dos estilos mais lindos que tenho é o meu cabelo e faço uso dele de bom gosto, com muito carinho, às vezes corto ele um pouco quando não quero ele muito grande mais não faço uso de alisantes.

As narrativas dos discentes mostram a forma como eles veem seus cabelos e sua relação com ele na composição de suas identidades. Relacionam o cabelo à identidade negra, aos estilos pessoais de se vestir e arrumar o cabelo, à identidade de gênero, à infância, entre outros aspectos. Alguns apontam que não sentiu preconceito em função do cabelo ou que vivenciou situações de racismo, enquanto outros discentes mostram um empoderamento negro pelo cabelo, narram orgulho de ser negra/o, que gostam do corpo e da cor da pele e, principalmente, gostam do seu cabelo crespo. As infâncias também foram lembradas, cada um narra experiências de vida diferentes, uns tiveram a infância mais tranquila, sem apresentar

sinais de violência institucional ou marcas pelo racismo na escola, isso em se tratando a cor da pele ou do aspecto do cabelo, ou estas marcas foram invisibilizadas durante esse processo formativo.

Nas falas dos discentes também aparecem marcas históricas de formação identitária quando narram que houve mudanças significativas na forma de pensar sobre si e seu cabelo ao passar dos anos. Uns narram ressignificações na forma de pensar os padrões sociais de beleza, passaram a usar produtos químicos alisantes para se encaixar socialmente ou se sentir “mais bonita/o” nos ambientes sociais, entretanto, percebe-se uma negação aos estereótipos eurocentrados. Com o passar do tempo estes puderam enxergar como o cabelo crespo tem seus significados e valores, se reconhecem negros/as assumindo sua identidade negra e seu cabelo afro, ocasionando o empoderamento dos sujeitos. A este respeito, concordamos que

Com a consciência dos padrões a que estão subordinadas, independentemente de concordarem com as expectativas relacionadas ao cabelo, as mulheres costumam criar estratégias para lidar com tais expectativas e obter poder (SANTANA, 2014, p. 138).

Nessa perspectiva, entende-se que as mulheres e o homens criam estratégias para fugir dos padrões de beleza existentes na sociedade, com isso assumem a identidade dos seus cabelos, muitas vezes, manifestam a identidade negra, a luta e resistência pelos cabelos.

3.3. A relação com o cabelo

Sobre a relação com o cabelo, para muitos é uma relação de aceitação da própria identidade, aceitação das características físicas e da ancestralidade negra, como um movimento de luta e resistência. Para que isso ocorra, é importante que se reconheça os diferentes tipos de cabelo e os significados identitários que este carrega, tanto para as mulheres, quanto para os homens. Sobre a forma como as mulheres se relacionam com o cabelo.

Observa-se nos últimos anos uma tendência cada vez mais estruturada das mulheres no sentido de não aceitarem mais terem seus cabelos alterados pelo alisamento e muitas, que já se submeteram a alteração química, optam por retornar ao cabelo natural. O processo é chamado no Brasil de “Transição Capilar” e consiste em deixar o cabelo crescer para gradualmente ir cortando toda a química restante, até deixá-lo totalmente natural e tem gerado interesse e um novo mercado (SANTOS, 2015, p. 6).

Mediante a isso, o cabelo traz consigo uma série de significados sociais, históricos e pode ser visto como artefato de cultura e identidade, pois, para muitos é necessário usar ele (o cabelo) alisado para que evitar situações preconceituosas, para além do estilo pessoal do

sujeito. As narrativas abaixo mostram a forma como os discentes entrevistados se relacionam com seu cabelo.

E1 - Eu me sinto bem pela minha cor, pelo meu cabelo. A gente precisa se aceitar, independentemente da cor, do cabelo e da raça. A gente primeiramente tem que se aceitar. Eu me sinto feliz do que eu sou hoje. Eu por um tempo eu não aceitava o meu cabelo porque ele era ruim de pentear, eu ficava com ódio, não ficava do jeito que eu queria, aí eu pegava, penteava e dava nó, ficava irritada, mais isso era quando criança. Com o passar do tempo eu resolvi alisar o meu cabelo, achava bonito, gostava também de ver ele liso, depois resolvi realmente aceitar os meus cachos e hoje eu amo o meu cabelo cacheado preto, ele só não tem muito volume, mas eu amo do mesmo jeito, em muitos lugares eu sempre me senti bem, nunca fui discriminada. As pessoas amam meu cabelo, e, um dos lugares em que me senti muito bem foi quando eu fui tirar as fotos de formatura com a minha turma, eu fiz um penteado, eu soltei meus cachos, que é uma raridade eu soltar, e, nesse dia eu soltei. Todos ficaram surpresos, elogiaram, esse dia foi bem especial para mim. [...]. Hoje eu escolheria o meu cabelo cacheado, pois eu o amo, gosto muito dele só queria que ele fosse maior bem longo, mas eu amo do mesmo jeito eu não mudaria, eu o escolheria.

E2- Tenho o cabelo enrolado. Tem algumas partes mais ressecadas pois não sou de cuidar muito, meu cabelo é o que eu mais gosto em mim, mas tenho vontade de mudar deixar ele liso, por causa da praticidade, o cabelo liso não precisa de tanto cuidado como o cabelo enrolado. A relação que eu tinha com o meu cabelo há um tempo atrás era uma relação de mais cuidado, mas com o passar dos dias os cuidados foram esquecidos pela falta de tempo e também a falta de coragem. Se eu pudesse escolher seria desse mesmo jeito, apesar de ser mais difícil de cuidar é uma parte de mim é uma parte fundamental da minha identidade.

E3- Meu cabelo é cacheado natural, cor caramelo, num tom marrom claro, volumoso, tem fator encolhimento, as vezes eu penso que ele tem vida própria, quando eu quero sair dou um jeito para ter volume iluminado, solto nem precisa passar um pente garfo, todo pomposo, meu cabelo é identidade, minha essência, meu poder de mulher negra, isso não quer dizer que se eu cortar ele todo, raspar vai diminuir quem eu sou sei que cabelo cresce. Eu amo, admiro meu cabelo, é lindo, cheiroso, volumoso, bonitão é um charme, é atraente, chamativo, atrai olhares é minha coroa de diamantes. Eu falo que o meu cabelo é ciúme, é cuidado mais nem sempre, nem todo dia eu tenho paciência mais é meu cabelo me olho no espelho eu gosto do que vejo, hoje eu ando com ele solto na rua, o vento no meu rosto ele voa, está lindo, eu paro para olhar o creme certo, a curvatura certa do meu cabelo no pote de creme antes de comprar. Hoje cortar esse cabelo, é difícil no máximo 1 ou 2 dedinhos. Tem 5, 6 anos que eu aceitei meu cabelo como de fato ele é. Uma vez eu usei em casa, um produto errado, não era o mesmo que eu usei, que soltou mais o meu cabelo, os cachos ficam mais grandes e compridos, esse deu errado, não usei o mesmo produto e o resultado foi catastrófico, meu cabelo alisou, ficou horrível, eu queria chorar de tanta raiva, nossa quando eu me vi no espelho meu cabelo completamente liso, Jesus, não acredito. Quando eu vi, um comercial de uma atriz, com o cabelão dela cacheado ali eu tive a certeza, quero meu cabelo de volta, fiquei 1 ano em transição, uma parte lisa e outra cacheada. Uma colega de trabalho pagou para mim, no salão e eu fui, o rapaz perguntou tem certeza? Pode cortar até o pé da orelha, quando ele começou a cortar meus cachos começaram voltar, fiquei tão feliz, desde então não cortei mais, só as pontinhas e olhe lá, as pessoas veem ele solto, perguntam como eu faço pra deixar ele assim, como ele fica cacheado, se eu uso pente para pentear meu cabelo, qual tipo de creme eu uso, se eu uso escova, querem passar a mão, eu nunca me importei quanto essa

questão de passar ou não a mão, ele só fica mais volumoso, porque acaba que desfazendo o enrolado do cabelo. Se pudesse voltar no tempo escolheria ele com muito mais volume, bem grandão todo cacheado.

E4 - Meu cabelo é cacheado preto, ele defini muito rápido sem eu precisar usar creme, gosto muito do meu cabelo, ainda mais nesses últimos anos o cabelo cacheado teve bastante destaque, aí que comecei a gostar mais ainda do meu, eu era o único que usava cabelo cacheado na família e agora meus irmãos também começaram a deixar seus cachos assumidos, gosto e assumo o meu cabelo cacheado, esse estilo é o símbolo da raça negra um dos estilos mais lindos que tem e tenho o meu cabelo e faço uso dele de bom gosto com muito carinho, as vezes corto ele um pouco quando não quero ele muito grande mais não faço uso de alisantes. Gosto muito do meu cabelo, eu cuido dele, amo ele, tenho essa relação de amor com ele, pois é uma das características da minha identidade, eu queria que ele fosse um pouco mais fino e fosse mais fácil de ajeitar ele, mas apesar das dificuldades de manter ele bem definido eu amo ele, nasci com ele desse jeito vou mantê-lo assim acho muito bonito.

A cerca da relação com o cabelo que aparecem nas narrativas dos discentes entrevistados, percebe-se que todos tem uma relação de carinho por seus cabelos, e que se fossem talvez mudar algum aspecto dele, optariam somente em tê-los maiores e com bastante volume, haja vista que estes aceitam seus cabelos do jeito que é assumindo de fato a sua verdadeira identidade negra, sabendo assim lidar com as críticas do dia a dia. Como cita Gomes (2019, p. 8) “tal comportamento pode também representar um processo de reconhecimento das raízes africanas assim como de reação, resistência e denúncia contra o racismo. E ainda pode expressar um estilo de vida”.

Dessa forma, podemos entender que o cabelo representa um processo de reconhecimento, na qual o sujeito se reconhece da maneira que é, trazendo para seu cotidiano um estilo de vida, levando em consideração seu contexto social, em relação a sua identidade e sua maneira de enxergar a sociedade como espaço formativo. A relação com o cabelo vai muito além do que só a aparência, os cabelos estão relacionados com à história de vida dos sujeitos, à ancestralidade, às raízes culturais.

O fenótipo incide fortemente na identidade negra, sobre tudo o cabelo e a cor da pele, que denotam a pertença à etnia negra, e que se torna em muitos casos, fator determinante para discriminação (LOPES; FIGUEIREDO, 2021. p. 4).

Dessa forma, o fenótipo do cabelo é um elemento importante, pois denota que o sujeito faz parte de grupos étnicos que se fazem presente no seu meio social, fazendo este lutar por seus direitos, fazendo assim uma afirmação de quanto o sujeito negro/a deve valorizar ainda mais suas características frente aos atos discriminatórios produzidos pela sociedade, de forma geral.

3.4. Sobre discriminação pelo cabelo

As mídias de comunicação e informação disponíveis divulgam diariamente situação de racismo, preconceito e discriminação racial, principalmente contra negros e negras. Neste sentido, se observarmos os fatos divulgados percebemos que há bastante preconceito em relação ao cabelo nos dias atuais, pois, ele é visto como uma espécie de classificação racial, inclusive nas instituições de ensino, havendo assim uma disseminação dos estereótipos que intitulam e segregam os sujeitos.

A fábula da democracia racial dissimula tensões raciais e cria a ilusão de inclusão, silenciando vozes que denunciam a violência real e simbólica, construindo, de muitas formas, tanto lugares de privilégio quanto de exclusão e discriminação. As estigmatizações e humilhações sociais cotidianas, explícitas ou implícitas, sutis ou veladas, levam muitas vezes à formação de uma identidade negra ambígua e fragmentada (FERNANDES e SOUZA, 2016. p. 111).

Há muito preconceito envolvido na aparência e nas características físicas do sujeito negro/a. Em muitos casos, a partir do momento em que este/a tenta se impor sobre determinado preconceito, este/a começa a dar voz a sua ancestralidade cultural, emitindo uma mensagem de resistência. Sobre atos discriminatórios sofridos em função do cabelo, os discentes entrevistados narraram:

E1- Nunca me senti discriminada. Na escola sempre era tratada com igualdade, na escola não tinha essa discriminação de que só porque você tem a pele mais escura você não vai participar disso ou daquilo, ou porque teu cabelo é desse jeito você não vai. Não existia esse tipo de coisa, era uma igualdade que acontecia no espaço escolar, não só na escola, em outros lugares que eu frequentava também não houve esse tipo de situação. [...] como eu não sofri nenhum tipo de preconceito, mas para quem sofreu eu digo aceite-se da maneira que você é , não importa o que vão falar , sua felicidade vale mais que uma palavra negativa , pois vai sempre existir pessoa que querem deixar você para baixo , mas você tem um alto poder de se aceitar , de não deixar que isso venha te abater de alguma forma e que não possa a vir acontecer aceite-se do jeito que você é.

E2- Na universidade era o lugar em que mais me sentia bem, pois sempre tinha alguém que falava que o meu cabelo estava bonito e na escola sempre me sentir acolhida na época não tinha nenhuma noção de identidade, mas não tive nenhum episódio de discriminação, quando criança minha mãe falava que eu tinha que amarrar meu cabelo porque ele estava parecendo uma vassoura. Para as pessoas que já sofreram preconceito falaria para ter mais cuidado com o próprio cabelo, pois quem tem que achar bonito é você mesmo, e ter um maior cuidado e zelo traz um sentimento de orgulho e de mostrar olha como está bonito e enroladinho.

E3- Já fui discriminada, e não gostei, nossa foi horrível, eu estava em uma gincana da igreja, e uma das referências bíblicas era, esconder a pista no cabelo cacheado, não lembro a referência certa, nossa reviraram meu cabelo fiquei muito chateada, ódio mesmo. Outras situações é, em locais, pessoas que perguntam, são curiosas ou até mesmo querem puxar assunto, agradar e falam tipo, “teu cabelo é assim”? “como você penteia ele?” “nossa parece uma molinha” “como é cuidar desse cabelo”, nada que para mim, seja relevante, tá de boa. Já fui tanto discriminada quanto acolhida. Vamos

primeiro por partes, discriminada principalmente na família, em dizer “ah, teu cabelo fica melhor liso”, “não menina, alisa logo teu cabelo, vai ser melhor assim”, “esse teu cabelo, tem muito gasto com ele, é melhor raspar tudo”. Era ruim pra pentear meu cabelo, ele sempre foi um cacheado fechado, bem enroladinho chamavam até meu cabelo de “cabelo de anjinho”, “cabelo de macarrão de miojo”. Cresci, ouvindo palavras assim do meu cabelo, que parecia um ninho, quebrava escova, não tinha creme que desse certo [...].

E5 - Eu me senti muito mal na escola pelos olhares sobre o meu cabelo, as vezes falavam do meu cabelo quando eu passava, as vezes riam alto eu sabia que aquelas risadas estavam relacionadas ao meu cabelo, tanto é que eu desenvolvi um certo trauma de toda vez que eu passava em grupo de muitas pessoas eu ficava afobado, porque eu sentia que eles iriam falar mal de mim e se rissem também por mais que não estivesse falando de mim no meu pensamento essas risadas eram sobre mim, mas esse cenário de preconceito não foi só na escola mas também na sociedade em si e isso me causou uma coisa psicológica. Isso tudo eu vejo como reflexo do que eu passei na minha vida [...]. Na universidade eu já sofri preconceito de professores que falaram se a escola pedir para você cortar seu cabelo você vai ter que cortá-lo, isso foi no caso de um estágio em que fui fazer parte, isso foi uma das falas que eu já ouvi dentro da universidade enquanto acadêmico.

Ao observar as falas entende-se que os/as discentes sofreram preconceitos em relação ao seu estilo de cabelo tanto no âmbito escolar e na universidade, e essas falas de preconceitos os tornaram mais fortes hoje, sabendo assim lidar com as palavras de ofensas que chegam na maioria das vezes em forma de “brincadeiras” que na verdade são discursos de discriminação racial. As falas advindas de outras pessoas soam muito pesadas para a formação do sujeito, havendo assim uma espécie de bloqueio na vida de cada um, por mais que as pessoas falem que seja apenas “brincadeira” na verdade toma-se como verídico, tornando este sujeito excluído da sociedade por conta de seus estereótipos, fazendo este negar suas próprias raízes culturais.

O cabelo crespo na sociedade brasileira é uma linguagem e, enquanto tal, ele comunica e informa sobre as relações raciais. Dessa forma, ele também pode ser pensado como um signo, pois representa algo mais, algo distinto de si mesmo. Assim como a democracia racial encobre os conflitos raciais, o estilo de cabelo, o tipo de penteado, de manipulação e o sentido a eles atribuídos pelo sujeito que os adota podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico/racial, na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra (GOMES, 2019, p. 8).

Mediante a isto o cabelo traz consigo uma ressignificação social, na qual o sujeito passa por um processo de aceitação relacionado aos seus traços, pois, o que foi visto no âmbito social forma aspectos de negação de estereótipos, havendo assim dúvidas de aceitar seu cabelo ou fazer uso de alisantes por questões de pressão sofridas na infância, ou mesmo a pressão, sofrida na universidade, para cortar o cabelo estilo afro, como cita o entrevistado E4.

Assim, entendemos que o sujeito traz informações a respeito de sua identidade através do cabelo, e essa identidade vai sendo produzida mediante as relações com o outro. Sobre a identidade, Hall (1992, p. 38) afirma que:

O movimento do “eu” no olhar do outro produz várias formas de representação simbólica, que levam o sujeito a se sentir dividido em suas opiniões sobre si mesmo. Essa forma de se sentir dividido está associada a partir do que ele é, e do que o outro diz que ele é, embora o sujeito esteja partido, vive com sua identidade “resolvida”, resultando da fantasia de si mesmo, esta fantasia de si, já contempla um sujeito pós-moderno, onde as identidades aparecem unificadas, através da fantasia do “resolvimento” de si, porém a identidade já está dentro de nós como indivíduos, mas uma falta de inteireza é preenchida a partir de nosso exterior.

Dessa forma a relação do sujeito com o outro em seus variados aspectos e contextos provocam processos de ressignificação identitária que acabam afetando o seu eu interior e sua identidade, neste sentido, entendemos que os espaços formativos escolares possuem um papel central na formação identitárias dos sujeitos.

3.5 O papel social dos espaços formativos escolares na produção social do sujeito

Os espaços escolares têm sido considerados importantes produtores de identidades, nos quais os sujeitos se constituem. As instituições escolares têm sido importantes espaços de formação humana, desde a infância à universidade. A partir dos espaços escolares, bem como dos não escolares, os sujeitos vão se reconhecendo em diferentes culturas, dentre outros aspectos, convivendo com diferenças e, neste sentido, produzindo suas identidades. Neste sentido, entendemos que.

A escola assim como a família, tem um grande papel na formação do indivíduo e esse papel pode ser positivo ou negativo. Tais resultados impactam na formação identitária do indivíduo para que esses cresçam e valorizem as suas especificidades. Desde as series iniciais é preciso o ensino das diferenças étnicas, de gênero, de religião etc. Não é preciso ser negro (ANJOS, 2017, p. 7).

É importante que tem esse dialogo nas instituições de ensino, para que os alunos possam respeitar e aceitar as características de cada sujeito, sendo ele negro ou não, tendo o conhecimento que cada sujeito tem origens, culturas e características físicas diferentes. A respeito dos espaços formativos escolares os discentes entrevistados narraram:

E1- Eu vejo como um papel fundamental, trabalhar com as crianças, com os jovens e os adultos essa aceitação do outro e do respeito, para que essa produção seja espontânea, que eles começam a se reconhecer da maneira que ele é, se aceitando, aceitando o cabelo, o seu corpo, sua cor. Eu acho fundamental a escola trabalhar essa questão e a Universidade também. É muito importante ela trabalhar essas questões, é muito importante.

E2- A escola vem como fundamental para as crianças se conhecerem e se sentirem acolhidas para enfrentar o mundo, a universidade só se torna uma extensão do que a criança deveria ter conhecido na escola, assim é de suma importância fazer com que os alunos saibam o que é respeito à diversidade em todos os espaços de formação.

E3-. É de grande valia a escola trazer essas questões que são muito importantes para que os alunos conheçam que cada pessoa tem sua origem e a universidade vem como papel fundamental para reforçar esses assuntos que estão no nosso meio social, quando participei de alguns eventos, trouxeram para fazer discussões sobre o assunto em uma disciplina em especial que foi ofertada, acho que ali na sala com a docente, a gente foi tendo uma visão maior quanto a essa questão, mas foi ao longo da jornada na UFAM, com algumas disciplinas, me vendo e olhando e me conhecendo, desmistificando o olhar negativo, que eu fazia de mim mesma, pelos comentários nada ver de outras pessoas, que oprimiam meu cabelo, a minha identidade, a minha beleza, julgavam a minha natureza, foi um processo e continua sendo muito importante. Por isso se faz importante trazer questões relacionadas a identidade do sujeito tanto na escola quanto na universidade.

E4- A escola tem de certa forma esse papel de formar alunos com valores ensinando-os de como tratar um colega com devido respeito, respeitando as diferenças do outro. A universidade é muito mais acolhedora em relação ao outro de aceitar as diferenças, ela traz um trabalho bem diferenciado relacionado a essas questões de identidade, talvez ela abra mais espaço ao falar sobre essas questões do que a escola por isso ela se torna mais acolhedora nesse sentido.

É importante discutir os estereótipos relacionados ao cabelo por considerarmos que o cabelo não é só uma parte do corpo, ou um estilo adotado pelo sujeito, mas um elemento carregado de significados e histórias. As narrativas dos entrevistados reforçam o quão relevante se faz ter uma educação voltada para este assunto que faz com que tenhamos acesso ao conhecimento voltado para a história de pessoas que sofreram para serem aceitas na sociedade e, que, até hoje estes sofrem e lutam por reconhecimento de suas histórias.

A escola é vista, aqui, como uma instituição em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade. É essa visão do processo educativo escolar e sua relação com a cultura e a educação vista de uma maneira mais ampla que nos permite aproximar e tentar compreender melhor os caminhos complexos que envolvem a construção da identidade negra e sua articulação com os processos formativos dos professores e das professoras. É também essa visão que nos possibilita compreender a presença da dimensão educativa em diferentes espaços sociais e não somente no interior da escola (GOMES, 2003, p. 170).

Mediante a citação, entendemos que as escolas só reforçam os saberes que os alunos já conhecem sobre culturas, sendo assim um espaço onde eles irão aprender não somente saberes escolares, mas sim conteúdos que vão de valores, crença e dentre outros, e que estes conteúdos os ajudaram a entender esses aspectos históricos do sujeito negro/a, e também é uma maneira de fazer uma junção entre o que o aluno já está familiarizado e o que ele ainda irá conhecer, ensinando sobre a cultura de cada povo, ensinando a respeitar essas culturas

sem haver um prejulgamento daquilo que ainda não se conhece, não tendo questões de inferioridade e preconceito. Assim, os educandos possam entender que cada sujeito tem sua subjetividade e que também tem sua cultura diferente dele, sabendo compreender cada aspecto relacionados a identidade do sujeito.

As falas dos discentes revelam o quão é importante falar sobre a identidade do sujeito nos espaços formativos. Assim, entendemos a relevância do tema *o cabelo como elemento de identidade* aqui discutido, inclusive por se tratar de um uma pesquisa realizada em um contexto de formação universitária que prepara futuros docentes para atuarem nos seguimentos escolares que antecedem a universidade.

Discutir o cabelo como elemento de identidade remete pensar na formação eurocentrada dos sujeitos postas nos currículos discriminatórios que permeiam a formação escolar e que chegam à universidade, muitas vezes carregada de racismo disfarçado de preocupação com o “bem-estar” do discente (aquele estagiário – E4) que se viu induzido por uma professora a cortar seu cabelo afro ao iniciar a disciplina de estágio supervisionado em uma etapa de sua formação no curso de pedagogia.

Por outro lado, temos depoimento de discentes entrevistados que foi em uma disciplina no curso de pedagogia que assuntos como identidade/diferença, respeito e reconhecimento do diferente, o negro/a, o indígena, o homossexual, a mulher, entre outros, passou a ser discutidos de forma mais aprofundada e em um aspecto de formação para a docência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios da pesquisa foram no sentido de compreender como constrói-se a identidade do sujeito em meio a tanto preconceito advindo da sociedade, visando a maneira em que cada um (a) se impõe a esse tipo de situação que está ligada a sua identidade, na qual estes podem entender que há grandes desafios ligados ao sujeito negro (a).

A partir dos objetivos elencados pudemos destacar como cada estudante entrevistado(a) narram suas identidades, a partir do que enxergam como sujeitos da sociedade, antes alguns eram vítimas de preconceito pela cor da pele e sobre o aspecto de seus cabelos, e nos dias atuais estes sujeitos aceitaram-se suas características, tendo em vista que os cabelos crespos e enrolados são vistos como símbolo de beleza, entende-se que o a escola é de suma importância para a formação desses sujeito em aspectos de compreender as características de cada cultura, e isso podemos observar nas narrativas dos entrevistados (as) em que cada um (a) pontua o papel da escola para a formação dos sujeitos.

Em vista dos argumentos apresentados neste trabalho de Conclusão de Curso, entendemos que este trabalho nos leva para um caminho, nos quais há assuntos que são bastante discutidos nos dias atuais, tais como identidade, cultura, estereotipo, raça dentre outros em que o sujeito está intimamente ligado a essas palavras. Assim há uma compreensão dos caminhos que nos levam a entender o quanto a história do povoado negro é de grande valia para que possamos conhecer o quanto foi grande a caminhada para que estes pudessem ser aceitos na sociedade, havendo uma organização para que sua voz fosse ouvida em meio a tanto preconceito. Apesar de que a história do povoado negro ter seus aspectos de muita luta e muita garra, há muito chão pela frente, ainda há muito preconceito com os negros, mas que com muita garra e força irão lutar por reconhecimento.

Apesar de tanta luta e sofrimento alcançou-se um lugar de respeito em relação à forma de expressar-se culturalmente através da identidade, raça, cultura e estereótipos. E a estimulação deles é pensar sobre sua representatividade tendo a possibilidade de ser o que quiser, independentemente de como a sociedade irá olhar, o importante é ser e não parecer.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Nídia Batista dos Santos dos. **Cabelos afro-descendentes: a formação da identidade negra na cidade de candeias.** São Francisco do Conde, 2017.
- CARVALHO, Eliane Paula de. **A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA ATRAVÉS DO CABELO.** Curitiba, 2015.
- CASTRO, Cristiane. KABELENGELE, Daniela. **O cabelo crespo e cacheado e a construção da identidade no grupo virtual *cachos alagoanos*.** 4. v. Maceió, 2017.
- COUTINHO, Cassi Ladi Reis. **A Estética e o Mercado Produtor-Consumidor de Beleza e Cultura.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011.
- Dayrell, Juarez Tarcísio. **A escola como espaço sócio-cultural.** 2021.
- FERNANDES, Viviane Barboza. SOUZA, Maria Cecilia Cortez Christiano de. **Identidade Negra entre exclusão e liberdade.** São Paulo, 2016.
- GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** 21.ed. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2002.
- _____. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** *Trabalho apresentado no Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais*, 2001.
- _____. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** 3.ed. Belo Horizonte: Autentica, 2019.
- _____. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** Educação e Pesquisa, São Paulo, 2003
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11.ed. DPeA, 1992.
- HIDDLESTON, Jane. **Pós-colonialismo.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2021.
- LOPES, Dailza Araújo; FIGUEIREDO, Ângela. **Fios que Tecem a História: o cabelo crespo entre antigas e novas formas de ativismo,** 2021.
- LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli, E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo, 1986.
- MAHEIRIE, KÁTIA. **Constituição do Sujeito, Subjetividade e Identidade.** São Paulo, 2002.
- MALACHIAS, Rosângela. **Cabelo Bom. CABELO Ruim.** Coleção Percepções da Diferença. Negros e Brancos na Escola. 4.v. 2007.
- PEREIRA, Rafaela. **Corpo, cabelo e identidade.** Literafro, 2020.
- QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires, 2005.
- ROSA, Evelyn Souza. **Cabelo Cresce... Preconceito Também!** uma análise dos livros de literatura infantil para o empoderamento de meninas negras. Porto Alegre, 2018.
- SANTANA, Bianca. **Mulher, cabelo e mídia.** Revista Communicare – Dossiê Feminismo. 14. v. nº 1, 2014.

SANTOS, Carlos José Guidice dos. **Tipos de Pesquisa**. Oficina de Pesquisa, 2020.

SANTOS, Nádia Regina Braga dos. **Do blackpower ao cabelo crespo: a construção da identidade negra através do cabelo**. São Paulo, 2015.

SILVA, Tomas Tadeu da, HALL, Stuart e WOORDWARD, Kathryn. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOUZA, Joyce Gonçalves Restier da Costa. **Corporeidade e identidade, o corpo negro como espaço de significação**, 2014.

VARELA, Gabriela Gonzaga. **Liberdade e Resistência: A inserção do cabelo crespo e/ou cacheado no ambiente organizacional**. Universidade de Brasília – UNB Faculdade de Comunicação – FAC Comunicação Organizacional. Brasília, 2017.

VIANELLO, Luciana Peixoto. **Métodos e Técnicas de Pesquisa**. EAD: Educação a Distância, 2020.

TELES, Daisy Bispo. **RAÇA, PODER, COLONIALIDADE DO SER: REPENSANDO A IDEIA DE RAÇA NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA**. Instituto de Relações Internacionais, 2020.